

PEDAGOGIA FEMINISTA: REFLEXÕES SOBRE OS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA¹

Juliana Pereira Lima Santos²

INTRODUÇÃO

O presente texto é um recorte do Projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso em Pedagogia que busca resgatar e trazer à luz a concepção de Pedagogia Feminista como uma corrente educacional progressista que advém das matrizes da Educação Popular e visando considerar esta Pedagogia como uma possibilidade para a formação humana emancipatória.

A trajetória histórica da nossa sociedade traz consigo marcas seculares de uma existência baseada em práticas de submissão e opressão onde, por muito tempo, se foi entendido existir uma norma que definia aos indivíduos quais seriam aqueles que teriam direito a condições mínimas de existência colocando àqueles que não se enquadrassem em tais normas numa posição de marginalização e esquecimento. Foi dentro dessa realidade que pessoas negras, mulheres, crianças, membras de outras categorias e toda a classe pobre do país foram enquadradas e obrigadas a viverem em condições mínimas de existência, sem direitos sociais e no silenciamento, sem a possibilidade de ao menos se expressarem sobre suas angústias e vivências.

Desde criança somos ensinados sobre o que devemos gostar, o que devemos vestir, como devemos nos comportar, com quem devemos nos relacionar, o que é “certo” e “errado”, tudo dentro de um padrão normativo social centralizado e pré-estabelecido (branco, hétero, cis, etc.). Nesse contexto, sendo uma instituição educacional formal, a escola, enfatiza e cobra diferentes comportamentos para meninas e para meninos que servem nada mais que para justificar suas posições e espaços sociais de pertencimento.

¹ O resumo expandido é um recorte do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, julianalimapls12@gmail.com;

Desse modo, podemos compreender quando Louro (2014) coloca que “a escola delimita espaços”. Ou seja, ela [a escola] contribui para a educação e construção de identidades tendo como base símbolos e códigos de conduta que foram criados imersos em estereótipos discriminatórios e excludentes e que tendem a garantir a manutenção desse padrão de diferenciação.

Uma análise importante também é sobre os cursos de formação de professoras e professores. Tais cursos são entendidos como espaços que devem promover as discussões e reflexões sobre as complexidades sociais intrínsecas à práxis, mas na prática nem todos os contextos e realidades são debatidos e/ou encarados de maneira devida, por vezes são apenas ignorados. Nesse contexto, podemos refletir: se não há um debate consistente sobre tais questões nos ambientes de formação docente, como existirão mudanças significativas nas práticas e vivências cotidianas nas escolas?

A partir da falta sentida de discussões que fossem mais pontuais sobre as diversidades de gênero/raça/classe ou sobre a própria existência de uma corrente pedagógica Feminista como proposta educacional foi que surgiu a motivação de pesquisar sobre a Pedagogia Feminista e suas contribuições dentro do ambiente escolar, mais precisamente na Educação Básica, entendendo esta como uma ferramenta que pode agregar e (re)construir as formas de ser e fazer a escola buscando trazer para dentro dela um olhar mais crítico, acolhedor e menos segregador. Destarte, a pesquisa tem como objetivo geral investigar quais são as concepções feministas de educação e de que forma elas podem contribuir – desde a formação docente até a atuação na educação básica – para a formação humana bem como analisar qual o distanciamento ou aproximação entre os currículos de formação e suas concepções e a prática pedagógica.

METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa será qualitativa compreendendo que esta “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias ou estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22). Ou seja, é uma abordagem que se debruça a partir das significações subjetivas dando maior valor aos processos das relações e fenômenos sociais podendo responder questões mais particulares e específicas se preocupando com o nível de realidade.

Como recurso metodológico será utilizada a pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44) tendo como fontes de pesquisa livros, periódicos e materiais impressos. A pesquisa poderá também adquirir um caráter de pesquisa documental pois pode chegar a se valer de materiais que ainda não receberam algum tratamento analítico ou que ainda possam ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” (GIL, 2002, p 45). Desse modo, a análise dos dados e informações se fará através da análise de conteúdos por esta buscar uma interpretação qualitativa dos dados visando, dentro desta, assegurar uma descrição objetiva das informações coletadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Sobre o referido tema, foram consultadas/os diversas/os autoras/es de referência nas temáticas de gênero, educação, currículo, educação e diversidade dentre elas/es estão Guacira Lopez Louro e Tomaz Tadeu da Silva.

Em seu livro *Documentos de Identidade* (2005), Silva trata das subjetividades e construção de identidades e a forma como os currículos escolares implicam sobre essa construção dentro da instituição escolar e remete à pedagogia feminista e à sua contribuição enquanto proposta para uma educação mais ampliada e emancipada. Silva (2005, p. 97) coloca que, mesmo a pedagogia feminista em seu surgimento não tendo um enfoque para questões curriculares ela “[...] pode servir de inspiração para uma perspectiva curricular preocupada com questões de gênero, na medida em que o currículo não pode ser separado da pedagogia.” E ainda complementa: “o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero.” Nessa mesma perspectiva, Louro (2014, p. 117) diz que: “[...] a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais”. Desse modo, pode-se compreender a importância dos preceitos feministas para uma reflexão de conteúdos e da própria prática pedagógica dentro de sala de aula levando em consideração uma parte intrínseca da escola que é o currículo oculto, tudo aquilo que envolve as identidades e subjetividades de todas e todos que fazem parte da escola.

No livro *Gênero, Sexualidade e Educação* (2014), Louro aponta como os estudos feministas contribuem para um novo paradigma educacional que se contrapõe aos

paradigmas vigentes impostos socialmente e, a partir disso, traz a discussão questões importantes de serem refletidas como as relações de poder tendo como base em estudos de Michael Foucault, sobre o silenciamento que é quebrado com essa nova forma de organização educacional abrindo espaço para as “múltiplas vozes”, o diálogo, dentre outras situações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Louro (2014, p. 61) refere-se à escola como um ambiente que imprime uma “marca distintiva” sobre os sujeitos e que ela reproduz uma estrutura hegemônica social a partir de seus mecanismos controladores como os currículos, os discursos, as práticas educacionais permeadas em ideias tradicionais, e isso se faz realidade principalmente ao perceber que o ambiente escolar passa a se tornar um ambiente de silenciamento, invisibilidade. A escola, por muitas vezes, recrimina e inibe aspectos e comportamentos existentes na sociedade e que fazem parte da vida de muitas alunas e alunos, fazendo com que estes se sintam cada vez menos pertencentes àquele ambiente e, por conseguinte, à sociedade.

O formação das professoras e professores diante de temas de diversidade é dado de maneira extremamente superficial tanto na formação inicial quanto na formação continuada (neste último, mais ainda) e esse desconhecimento diante de tais questões as coloca numa posição de despreparo para lidar com diferentes realidades e com situações cotidianas que venham a surgir, tornando-os possíveis reprodutores e impositores das normas de hegemonia social. Uma formação voltada para questões de raça, gênero/sexualidade e classe são essenciais para que professoras e professores compreendam e reconheçam as diferentes formas e condições de existência e para que possam lidar com tais situações dentro e fora da sala de aula com mais propriedade, respeito e empatia buscando formas e recursos de demonstrar e ensinar tais valores.

Diante disso, a pedagogia feminista aplicada nos ambientes escolares e dentro da sua concepção de construção de educação emancipatória e problematizadora vem com o objetivo de um exercer um “constante ato de desvelamento da realidade” (FREIRE, 1987, p. 40). Ou seja, ela vem com o intuito de desvelar as diferenças e desigualdades e desenvolver uma formação escolar em que as pessoas construam uma compreensão de tais diferenças e consigam acolhê-las e, principalmente, respeitá-las e que, assim,

busquem refletir alternativas possíveis para romper com as imposições normativas em busca de uma transformação da realidade social individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos concluir que a Pedagogia Feminista pode ser entendida, então, como uma corrente educacional que tende a unificar a prática política com a pedagógica e busca preparar e a auxiliar na construção de identidades e subjetividades que reflitam sobre as diferentes maneiras e lugares de opressão social e que venham a problematizar sobre estes lugares para, assim, serem capazes de mudarem não apenas a si próprios, como também a sua realidade e seu entorno.

Esta pedagogia concebe a educação como uma ferramenta que potencializa e autonomiza o ser humano pois serve para elaborar processos pessoais e subjetivos, para aprender e se apropriar de conhecimentos e ideias, para desenvolver novos valores e atitudes, bem como ferramentas técnicas concretas, habilidades e poderes por meio dos quais as pessoas constroem a si mesmas, se individualizam e constroem novas relações de e entre os gêneros. (OCHOA, 2007)

Assim, entendemos que as diferenças existem e não podem ser ignoradas, elas fazem parte da subjetividade de cada uma/um, e não devem ser suprimidas no ambiente escolar e menos ainda nos espaços de formação docente. Pelo contrário, devem ser consideradas e refletidas através do diálogo e do debate, pois será através do conhecimento e do fortalecimento de ideias que poderão ser pensadas práticas pedagógicas eficiente para que os paradigmas sociais e os ideais normativos reguladores das condições de existência humana sejam desconstruídos e deem vez para uma nova realidade, para uma formação humana de caráter emancipatório, completo, de mais empatia e mais justa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Documento Eletrônico. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2002.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

OCHOA, Luz Maceira. **Una Propuesta de Pedagogía Feminista**: teorizar y construir desde el género, la pedagogía, y las prácticas educativas feministas. I Coloquio Nacional Género en Educación. Universidad Pedagógica Nacional – Fundación para la Cultura del Maestro, AC. México, DF. Noviembre 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/3348598/Una_propuesta_de_pedagog%C3%ADa_feminista_teorizar_y_construir_desde_el_g%C3%A9nero_la_pedagog%C3%ADa_y_las_pr%C3%A1cticas_educativas_feministas>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://document.onl/documents/livro-tomaz-tadeu-da-silva-documentos-de-identidade.html>>. Acesso em: 15 abr. 2021.